

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Artes Plásticas
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Processos de Criação em Artes Visuais

Katia Speck
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Branca Coutinho de Oliveira

COLEÇÃO BRASIL SATURNO
CARTOGRAFIAS DE UM TERRITÓRIO REFLEXIVO

São Paulo
2023

KATIA SPECK

COLEÇÃO BRASIL SATURNO
CARTOGRAFIAS DE UM TERRITÓRIO REFLEXIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, área de concentração Poéticas Visuais, linha de Pesquisa Processos de Criação em Artes Visuais, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Artes, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Branca Coutinho de Oliveira.

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Speck, Katia
Coleção Brasil Saturno / Katia Speck; orientador,
Branca Coutinho de Oliveira. - São Paulo, 2023.
3 v.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Artes Visuais / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Artes Visuais. 2. Temporalidades. 3. Efemeridade.
4. Reprodutibilidade. I. Coutinho de Oliveira, Branca.
II. Título.

CDD 21.ed. - 700

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

PREÂMBULO PARA A COLEÇÃO BRASIL SATURNO

Este texto apresenta a coleção *brasil Saturno* que é, por sua vez, uma trilogia constituída dos seguintes volumes: *brasil Saturno*; *cartografias de um território reflexivo*; e, por fim *percursos criativos — rastros, condutas e manobras*.

brasil Saturno, um dos volumes, mostra três experimentos poéticos concluídos, intitulados *brasil Sa/Soturno*, *Primeiros de Janeiro*, *brasil Soturno* e uma experimentação ainda em andamento. O outro volume da série, *percursos criativos — rastros, condutas e manobras*, diz respeito às variadas práticas, técnicas e procedimentos adotados no processo de criação dos experimentos. Já *cartografias de um território reflexivo* concerne aos itinerários trilhados nas derivas conceituais que a experiência desencadeou.

A dissertação de mestrado é composta pela *Coleção brasil Saturno*, que reúne os três livros referidos acima e a exibição das obras poéticas de mesmo nome. Enquanto as obras finalizadas se abrem plenamente à exterioridade do espaço público, os livros apresentam a interioridade do processo de criativo. Menos acabados, mais dispersos e subjetivos, eles bifurcam caminhos, os multiplicam, revelam os acertos, mas também as desistências e os fracassos.

A composição da *Coleção brasil Saturno* - livros - se fez por textos e imagens que buscam traduzir as zonas de vizinhança dos experimentos poéticos. Somam-se aí notas de jornais, reportagens, conversações, fragmentos impressos e excertos de divulgação científica. Estão também filósofos, escritores e cientistas, através de interlocuções rapsódicas e polifônicas, cujos temas fazem imagens ressoar em mim.

As figuras se compõem com os textos, justapostas, superpostas, recortadas, embaraçadas com a escrita. Nessa trama, acumulam-se fotografias, fragmentos do cotidiano, registros preparatórios, esboços ilustrativos e anotações gerais. Cada fragmento é tomado como objeto parcial autônomo, independente da totalidade da qual deriva e por sua própria potência entra em novas conexões reduzindo as distâncias, neutralizando divergências e intensificando o descentramento, afirmando seu caráter irredutível à unidade.

Os textos, em sua maioria, têm a forma dos aforismos¹. A qualidade aforística é "irmã" do fragmentário; com sua composição textual de qualidades geralmente paratática, pressupõe que exista mais de uma possibilidade de leitura diante da mesma questão. O estilo aforístico de um texto potencializa a desconstrução das convicções categóricas e faz proliferar as fabulações do presente. O gênero aforista sempre esteve ligado à demolição de verdades absolutas.

Na composição de texto e imagem, os estilos fragmentário e aforístico proporcionam o surgimento de traços intensivos que se põem a atuar por sua própria conta. Essa característica faz com que os pensamentos recortados das diversas matérias sejam encadeados segundo uma lógica de coordenação, sem uma subordinação de ideias, sem hierarquização ou predeterminação.

Por último, vale ressaltar: não é a totalidade do processo de criação empreendido que pretendo abarcar aqui, tampouco sua estrutura e muito menos a genealogia das operações poéticas utilizadas, ou princípios de desenvolvimento, mas sim a transversalidade dos recursos e meios recorridos.

¹ A palavra "aforismo" provém do grego *aphorismós*, cujo sentido é dado a partir de *aphorízein* ("delimitar, separar"), derivado da junção de *apó* ("afastado, separado" ou "proveniente, derivado de"), *horos* ("fronteira, limite") e *horízein* ("limitar").

Lembro-me de ter ouvido Fernández Irala, meu colega,
dizer que o jornalista escreve para o esquecimento e
que o anelo dele era escrever para a memória e o tempo.
— Jorge Luís Borges

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, àqueles que foram os primeiros cartógrafos de minha jornada: meus pais, André e Maria, e minhas irmãs, Karol e Mari, estes foram a base dos traços iniciais no pergaminho da minha existência, sempre estiveram ao meu lado delineando as fronteiras de amor, paciência e sabedoria. Neles encontrei a potência necessária para trilhar em segurança pelos labirintos dos (im)possíveis.

Agradeço à Lorena, parceira criativa nessa e em inúmeras jornadas, por seu ser ímpar, que em meio ao turbilhão das ideias e adversidades, foi minha luz, meu conforto e a voz da sabedoria para que a sanidade prevalecesse. Há muito de você ao longo de toda a tessitura deste trabalho

À minha orientadora Branca de Oliveira, pelas conversas e trocas que possibilitaram abrir inúmeros novos caminhos, a cada encontro um novo horizonte se descortinava.

Ao Chris e a Manu, companheiros de correnteza, agradeço por todos diálogos e desabafos que, em meio ao terreno lodoso e movediço das incertezas, sempre me guiaram com maestria em direção a solos mais sólidos e seguros.

Ao Sandro, Hebe e Mel, apesar da trajetória breve neste plano revelaram uma enorme intensidade, agradeço por terem me ensinado sobre a leveza da vida. As dobras do tempo não se medem apenas em extensão, mas em virtualidades.

Ao Atelier Paulista, minha segunda casa, cujos alicerces abrigam as múltiplas inquietações, neste espaço singular, conexões form tecidas possibilitando florescer novas ideias, irrompendo os limites da imaginação e estar sempre em um devir que jamais cessa de se reinventar.

S. PAULO—Domingo, 1 de abril de 1934

TIRAGEM 8.000 EXEMPLARES

As assinaturas começam em qualquer dia e terminam em fim de junho ou dezembro

ASSIGNATURAS

Capital 20* Interior 24* Extranjeiro 50*

Numero do dia 100 rs.

ANUNCIO GERVINHO

A REFORMA CONSTITUCIONAL DO ESTADO

ALGUMAS IDEAS DO PROFESSOR DR. M. P. VILLALON

Uma reforma constitucional é necessária para que o Brasil possa cumprir a sua missão histórica e alcançar o desenvolvimento econômico e social que lhe compete. A atual Constituição, de 1889, é obsoleta e não responde mais às necessidades do Brasil moderno.

Entre as principais ideias propostas pelo professor Dr. M. P. Villalon, destacamos:

- 1. Aumento da duração do mandato presidencial para sete anos, com possibilidade de reeleição.
- 2. Criação de um Conselho de Estado, composto por membros nomeados pelo Congresso Nacional, com o poder de vetar ou aprovar leis.
- 3. Reforma da estrutura do Poder Judiciário, criando um Conselho Nacional de Magistrados para garantir a independência e a moralidade da magistratura.
- 4. Criação de um Conselho Municipal de Administração para melhorar a gestão dos municípios.
- 5. Reforma da estrutura do Poder Executivo, criando um Conselho de Ministros para auxiliar o Presidente da República.

Naufragio do vapor brasileiro "Uroba"

PRELIMINARMENTE SOBRIE AS CAUSAS DO NAUFRAGIO DO VAPOR BRASILEIRO "UROBA" QUE SE DEU TOLEMANIA PARA SOCORRER OS SOFRIENTES NAUSITICOS DO NAUFRAGIO

O vapor brasileiro "Uroba", pertencente à Companhia Nacional de Navegação, sofreu um grave acidente no dia 27 de março de 1934, naufragando na costa da Bahia. O navio estava em viagem de passageiros e carga quando ocorreu o sinistro.

As primeiras informações recebidas indicam que o acidente ocorreu devido a uma falha técnica no motor. O navio encalhou em um banco de areia e acabou por se quebrar em dois pedaços. Felizmente, todos os passageiros foram salvos e não houve vítimas fatais.

A Companhia Nacional de Navegação está realizando uma investigação para determinar as causas exatas do acidente e evitar que se repita no futuro.

COFY — Pó de arroz

PAZ E TRANQUILIDADE PARA O DIA DE HOJE

O COFY, pó de arroz, é um produto essencial para manter a pele limpa e saudável. Ele remove o excesso de sebo e impurezas da pele, prevenindo a formação de acne e espinhas.

Além disso, o COFY possui propriedades hidratantes e refrescantes, tornando-o ideal para uso diário. Seu uso regular ajuda a manter a pele macia e livre de manchas.

Para obter mais informações sobre o COFY, consulte o distribuidor autorizado em sua cidade.

A PYORRE'A

Dr. Rufino Matta, especialista em doenças do aparelho digestivo.

A Pyorre'a é uma doença do aparelho digestivo causada por uma infecção bacteriana. Ela se manifesta por sintomas como dor abdominal, náusea, vômito e diarréia.

O tratamento deve ser iniciado imediatamente com antibióticos e repouso. É importante manter uma dieta leve e evitar alimentos gordurosos e irritantes durante a recuperação.

Para mais informações, consulte o Dr. Rufino Matta, especialista em doenças do aparelho digestivo.

COFY — Pó de arroz

PAZ E TRANQUILIDADE PARA O DIA DE HOJE

O COFY, pó de arroz, é um produto essencial para manter a pele limpa e saudável. Ele remove o excesso de sebo e impurezas da pele, prevenindo a formação de acne e espinhas.

Além disso, o COFY possui propriedades hidratantes e refrescantes, tornando-o ideal para uso diário. Seu uso regular ajuda a manter a pele macia e livre de manchas.

Para obter mais informações sobre o COFY, consulte o distribuidor autorizado em sua cidade.

COFY — Pó de arroz

PAZ E TRANQUILIDADE PARA O DIA DE HOJE

O COFY, pó de arroz, é um produto essencial para manter a pele limpa e saudável. Ele remove o excesso de sebo e impurezas da pele, prevenindo a formação de acne e espinhas.

Além disso, o COFY possui propriedades hidratantes e refrescantes, tornando-o ideal para uso diário. Seu uso regular ajuda a manter a pele macia e livre de manchas.

Para obter mais informações sobre o COFY, consulte o distribuidor autorizado em sua cidade.

A PYORRE'A

Dr. Rufino Matta, especialista em doenças do aparelho digestivo.

A Pyorre'a é uma doença do aparelho digestivo causada por uma infecção bacteriana. Ela se manifesta por sintomas como dor abdominal, náusea, vômito e diarréia.

O tratamento deve ser iniciado imediatamente com antibióticos e repouso. É importante manter uma dieta leve e evitar alimentos gordurosos e irritantes durante a recuperação.

Para mais informações, consulte o Dr. Rufino Matta, especialista em doenças do aparelho digestivo.

NOTAS E INFORMAÇÕES

Notas e informações sobre eventos locais e nacionais. O Brasil comemora o aniversário de 45 anos da República em 15 de novembro de 1934.

Além disso, há notícias sobre a situação econômica do país e os esforços do governo para promover o desenvolvimento nacional.

CARTOGRAFIA DE UM TERRITÓRIO REFLEXIVO

Um território reflexivo é aquele que não apenas reflete a realidade, mas também a transforma. A cartografia, nesse sentido, não é apenas a representação gráfica do espaço, mas uma ferramenta para a compreensão e a intervenção na realidade social.

A cartografia reflexiva busca revelar as relações de poder e os processos de dominação que moldam o espaço geográfico. Ela questiona a neutralidade da cartografia tradicional e defende que o mapa é um instrumento de poder.

Essa abordagem é essencial para entender a complexidade do território brasileiro, marcado por desigualdades sociais e econômicas. A cartografia reflexiva nos permite visualizar essas desigualdades e buscar caminhos para a transformação social.

Um território reflexivo é aquele que não apenas reflete a realidade, mas também a transforma. A cartografia, nesse sentido, não é apenas a representação gráfica do espaço, mas uma ferramenta para a compreensão e a intervenção na realidade social.

A cartografia reflexiva busca revelar as relações de poder e os processos de dominação que moldam o espaço geográfico. Ela questiona a neutralidade da cartografia tradicional e defende que o mapa é um instrumento de poder.

Essa abordagem é essencial para entender a complexidade do território brasileiro, marcado por desigualdades sociais e econômicas. A cartografia reflexiva nos permite visualizar essas desigualdades e buscar caminhos para a transformação social.

naufragio do vapor brasileiro "Uroba"

PRELIMINARMENTE SOBRIE AS CAUSAS DO NAUFRAGIO DO VAPOR BRASILEIRO "UROBA" QUE SE DEU TOLEMANIA PARA SOCORRER OS SOFRIENTES NAUSITICOS DO NAUFRAGIO

O vapor brasileiro "Uroba", pertencente à Companhia Nacional de Navegação, sofreu um grave acidente no dia 27 de março de 1934, naufragando na costa da Bahia. O navio estava em viagem de passageiros e carga quando ocorreu o sinistro.

As primeiras informações recebidas indicam que o acidente ocorreu devido a uma falha técnica no motor. O navio encalhou em um banco de areia e acabou por se quebrar em dois pedaços. Felizmente, todos os passageiros foram salvos e não houve vítimas fatais.

A Companhia Nacional de Navegação está realizando uma investigação para determinar as causas exatas do acidente e evitar que se repita no futuro.

COFY — Pó de arroz

PAZ E TRANQUILIDADE PARA O DIA DE HOJE

O COFY, pó de arroz, é um produto essencial para manter a pele limpa e saudável. Ele remove o excesso de sebo e impurezas da pele, prevenindo a formação de acne e espinhas.

Além disso, o COFY possui propriedades hidratantes e refrescantes, tornando-o ideal para uso diário. Seu uso regular ajuda a manter a pele macia e livre de manchas.

Para obter mais informações sobre o COFY, consulte o distribuidor autorizado em sua cidade.

SUMÁRIO

UM INÍCIO PELO MEIO	18
GERMINAÇÕES	24
JORNAL-LABIRINTO	29
CARTOGRAFIA DE UM VÓRTICE – INSPIRAÇÃO	43
CARTOGRAFIA DA PALAVRA VAZIA.....	49
CARTOGRAFIA DO APAGAMENTO	55
CARTOGRAFIA DO PRESENTE MESSIÂNICO.....	59
REFERÊNCIAS.....	66

UM INÍCIO PELO MEIO

(...) vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas (...)



Segundo Maurice Blanchot, cada fragmento é dotado, ele próprio, de um mecanismo propulsor que implica a extensividade e complexidade do fora, do pré-individual. O fragmento desencadeia aproximações e distanciamentos sem

passagens, proporciona a abertura de um processo de fabulação. Como parte e já totalidade aberta, o fragmento carrega em si uma metaestabilidade, que pode ser traduzida como "alegria da errância". O fragmento é um todo

(...) que não totaliza e não unifica, que não é suposto por suas partes como unidade perdida e nem mesmo como totalidade fragmentada, que não é também formado nem prefigurado por elas no curso de um desenvolvimento lógico ou de uma evolução orgânica. Um todo que não confia mais na existência e na atribuição, mas que vive na conjunção e na disjunção, na mistura ou na separação, confundindo-se com a caminhada imprevista em todas as direções, rio que arrasta os objetos parciais e faz variar suas distâncias, com isso constituindo, segundo a expressão de Blanchot, essa nova relação com o Fora que se tornou hoje o objeto do pensamento. (DELEUZE, 2008, p. 208)

O mesmo acontece com o texto aforístico. Carlos Drummond de Andrade em *O avesso das coisas*, referindo-se às suas próprias criações aforísticas, disse que lhe deu

(...) vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações do meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida (...). São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente. (ANDRADE, 2007, p. 3)

Através dos aforismas, busca-se, portanto, cartografar os possíveis dentro do multiperspectivismo temporal, evitando sempre a interpretação e, em seu lugar, favorecer a experimentação sobre a "memória social e histórica". Encontrar outros passados e outros presentes na regularidade, periodicidade e persistência de fatos publicizados em mídias impressas.

Os limites dessas *Cartografias do presente* são círculos de convergência; como anéis abertos, sempre em relação com o que está fora. É o esboço de um mapa conectável em todas as suas dimensões, desmontável, alterável. Um mapa, inacabado por natureza, de múltiplas entradas. Um mapa, um trajeto, um processo que se pretende aberto, que não para de constituir-se e de desaparecer, de estender-se, interromper-se e começar de novo. No extremo, é antes um modo de perder-se. E de reencontrar-se outro, não mais a si mesmo... Quem acha, vive se perdendo.¹

1 Referência à canção "Feitio de oração", de Noel Rosa.

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO

Polícia carnavalesca!

Em 1915 tivemos no Rio nove carnavaes!

A inquisição na policia

O supplicio que, segundo se diz, soffreu João Barata para fazer revelações. — As violencias adoptadas de velha data, para a obtenção de confissão



O CRESCENTE DESENVOLVIMENTO DO PARTIDO DO TRABALHO

CONFERENCIA. — A esta reunião assistiram cerca de 200 pessoas, sendo a maioria composta de operarios e empregados de fabricas e officinas. O discurso foi proferido pelo Sr. ...

Otimismo e pessimismo em torno da paz que as condições militares não trouxe ao mundo





Um jovem
que se sente
VELHO

ue a cessação das hostili-
do convulsionado

hegou do inferno do Oyapock a primeira leva das
victimas da tyrannia cruel e amedrontada que se foi

S scenas dantescas que se desen-
rolaram naquellas longinuas
e inhospitas paragens

ALL, até um menino morreu vi-
ctima dos odios da negregada
policia do Scarpia Marron



Não chegou ao Anno NO

Um pescador mata com u
cada a um seu desaffe

Em Copacaba



O QUE É O MATADOURO CLANDESTINO DA
NA, 932 - PORCOS, MOSCAS, URUBÚS, FEDENT
MIASMAS E... INDIFFERENÇA DAS AUTORIDAD



ILEGIVEL



As experiencias que estão sendo realizadas
pelo dr. Calmette deixam desde já
entrever a effcacia da vacinação
contra a peste branca



Todas as
pessoas muito
impressionáveis

O "CINCO DE JULHO"

Historia de um pequeno jor-
nal que deu grandes dores
de cabeça á policia ber-
nardesca

Mentiras, promessas inúteis, ameaças des-
presíveis, fallencia policial completa

são apenas por desequilíbrio nervoso. Estes seres hipersensíveis
nem como se abatem, também se exaltam até quasi a loucura. A
lida se converte para eles em uma luta sem treguas, pois ao cahir
a noite, eles têm seus nervos tão deprimidos e irritados, que não
conseguem conciliar o sono reparador.

Entretanto, esse desequilíbrio, com a mortificante insônia que
companha, desaparece com o uso dos comprimidos de

Bromural

mais inofensivo e energico sedativo dos nervos, o mais effica
comilferos de acção ao mesmo tempo suave e inocua, que não pre-
ispõe ao habito.



As palavras "mutilado" e "Ilegível" se devem ao padrão de organização dos arquivos nas hemerotecas quando o jornal não se encontra em perfeitas condições.

ILEGIVEL.

GERMINAÇÕES

"Ávido leitor de jornais, custou-lhe renunciar a esses museus de minúcias efêmeras. Não era homem de pensar nem de matutar"
(BORGES, 2009, p. 93)

A observação dos esquecimentos generalizados (ou apagamentos históricos) por parte dos meios de comunicação, causaram-me, aos poucos, crescentes inquietações de caráter investigativo. Ao mesmo tempo em que esses fatos do mundo, culturalmente produzidos, provocaram ideias variadas no que diz respeito às dimensionalidades do tempo, surgiram epifanias correlativas no campo da experimentação poética. Nesse sentido, os atos intelectivos de pesquisa uniram-se, por meio de metodologia empírica, à prática poética.

Em 2015, iniciando a leitura de jornais do século XIX e XX, encontrados em hemerotecas digitais e acervos familiares, encontrei notícias de eventos distantes entre si que, de algum modo, se revelavam também próximos, tanto no espaço quanto no tempo. Essa percepção acabou por desencadear em mim uma perturbação no entendimento das noções cristalizadas de tempo e de espaço. Instantaneamente se multiplicaram, aos meus olhos, as perspectivas narrativas para cada fato noticiado. O campo virtual das combinações diegéticas tornou-se infinito. E os eventos cotidianos passaram a ser os significantes passíveis da composição de novas tramas, matérias capazes de recomposições ficcionais, potenciais infinitos de recriação ou transformação de enredos, como grãos de areia depositados diariamente, reconfigurando o passado e o futuro.

*

Destaco aqui parte das *germinações* que antecederam *Brasil Saturno*, os cartões postais que criei a partir da leitura de jornais antigos: *À polaca*¹ e *À Democracia* buscam trazer à tona certa alienação do(s) personagem(ns) da ação. Nesses trabalhos, imprimo em um dos lados dos cartões postais um texto extraído das notícias de jornais brasileiros do ano de 1937, período em que conservadores fascistas – oriundos em sua maioria da classe média –, acreditando em um documento falso chamado *Plano Cohen*, no qual se anunciava uma possível ameaça comunista, saíram às ruas vestindo camisetas da cor verde, pedindo intervenção (o acontecimento culminou no que foi chamado posteriormente de “primeiro golpe de estado brasileiro”); do outro lado do postal, no verso, se contrapondo às notícias, imprimo imagens das manifestações do período do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (2016).

O emparelhamento de notícias do passado com imagens do presente gera no leitor, pela conexão dos fatos comunicados, um estranhamento. As repetições de fatos na história, para Adorno (2009), se devem aos esquecimentos pois, na história, os eventos podem ocorrer segundo situações semelhantes.

1 A Constituição de 1937 foi a 4ª Constituição brasileira e a 3ª do período republicano. Ficou conhecida como a Constituição “Polaca” por ter leis de inspiração fascista, tal qual a Carta Magna polonesa de 1935.



11 de Novembro de 1937.

À Democracia

Membros da Aliança Nacional Libertadora (ANL), composta por: comunistas, socialistas e líderes sindicais que desejavam o governo popular, são responsáveis pela Intentona Comunista - movimento que fracassou devido a pouca adesão. A constituição hoje outorgada permite que quaisquer elementos que oferecerem resistência ao governo, poderão vir a ser perseguidos, presos e até mesmo podendo ainda serem torturados ou assassinados.

SeLo



À Democracia (frente e verso)
 Cartão Postal
 100 x 150 mm
 2017



11 de Novembro de 1937.

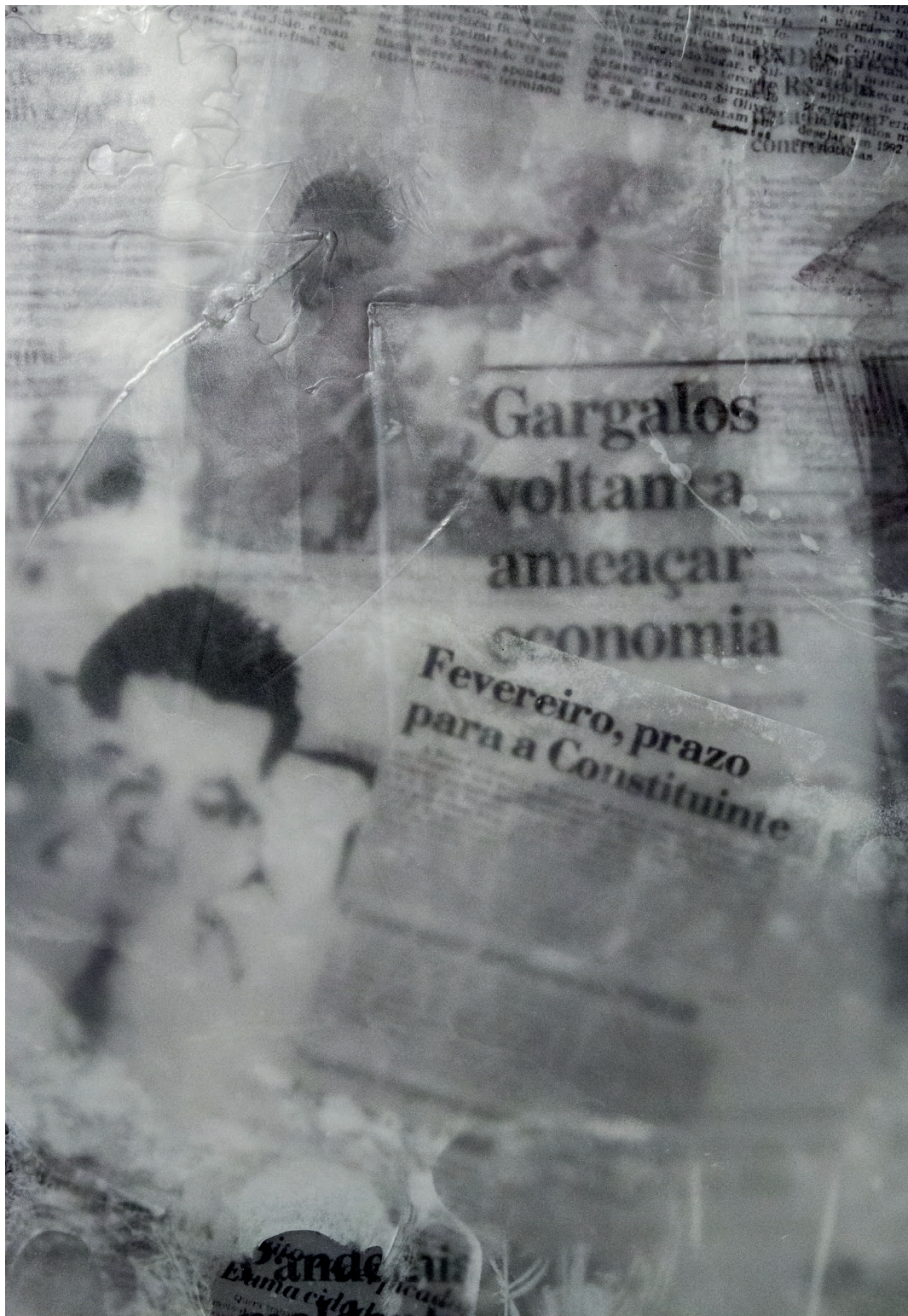
À Polaca,

Membros da Ação Integralista Brasileira (AIB), uma organização política de cunho fascista, são facilmente identificáveis por seu discurso ultra conservador e por vestirem-se com camisetas verdes. O movimento da AIB ganhou simpatia de membros da classe vigente, da classe média, oficiais das forças armadas e do então presidente da República.

SeLo

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

À Democracia (frente e verso)
 Cartão Postal
 100 x 150 mm



JORNAL-LABIRINTO

"Não nos falta comunicação; ao contrário, temos comunicação de sobra. O que nos falta é a criação. O que nos falta é a resistência ao presente" (Negri e Hardt, *Império*)

A hemeroteca é um setor das bibliotecas onde se encontram coleções de jornais, revistas, periódicos e obras em série que, por sua vez, abrigam evidências e testemunhos de tempos variados. Trata-se de uma instituição que responde a certa vontade de resguardar num só lugar todas as épocas, todos os gostos; um espaço de todos os tempos que seja, ele mesmo, fora do tempo.

Hospedar todos os tempos, faz lembrar Jorge Luis Borges e sua aventura de exploração do infinito.

(...) Somos nossa memória,
somos esse quimérico museu de formas inconstantes,
esse montão de espelhos rotos. (BORGES, 1999, 383)

Cada edição de um jornal é composta por diversos textos, imagens e diagramas, que se apresentam sem ordem sequencial. As narrativas dos jornais, seja das notícias ou das publicidades, são criadas com o intuito de consumo imediato, alimentado pela ansiedade de atualização, de estar perfeitamente informado do agora. Nesse contexto, elas precisam ser sucessivamente descartadas. Essas narrativas, que são diariamente reinventadas, desempenham a função fundamental de manipular a percepção dos acontecimentos, dos fatos do mundo e do tempo.

A heterogeneidade apresentada no corpo de um jornal é similar ao nosso modo de vida – múltiplo, diverso e controverso. No entanto, as suas narrativas, uníssonas, pretendem ser as verdadeiras e únicas interpretações dos acontecimentos de seu tempo. Essa característica comum às mídias de comunicação, abre uma oportuna e singular possibilidade de subversão das mensagens considerando a percepção da realidade, tanto do ponto de vista espacial, quanto temporal.

A recomposição espacial das notícias num jornal como um noticiário de presente contínuo possibilita a percepção de *cronotopias*¹ e *heterotopias*², em que os novos encontros de velhas narrativas produzem novos sentidos sempre em devir.

Michel Foucault abre *As palavras e as coisas* afirmando que essa obra se desdobrou a partir da leitura do texto de Jorge Luis Borges “O idioma analítico de John Wilkins”, publicado no livro *Outras inquisições*, em que o escritor adverte que “não há classificação do universo que não seja arbitrária e conjectural” (BORGES, 2007, p. 124). No conto, Borges cita uma certa enciclopédia chinesa, em que:

(...) os animais se dividem em: a) pertencentes ao Imperador. b) em-balsamados, c) amestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cachorros soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam feito loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar o jarrão, n) que de longe parecem moscas. (BORGES, 2007, p. 124)

Ante à classificação fabulada por Borges, Foucault relata seu desconcerto ao se dar conta de que pior que as classificações arbitrárias e ilógicas é “a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de possíveis ordens na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito” (FOUCAULT, 1999, p. XI).

Portanto, inventar um jornal como uma heterotopia e cronotopia, significa criar blocos de espaços-tempos que nos permitam questionar uma ordem vigente e, ao contrário, pensar na simultaneidade de múltiplas outras.

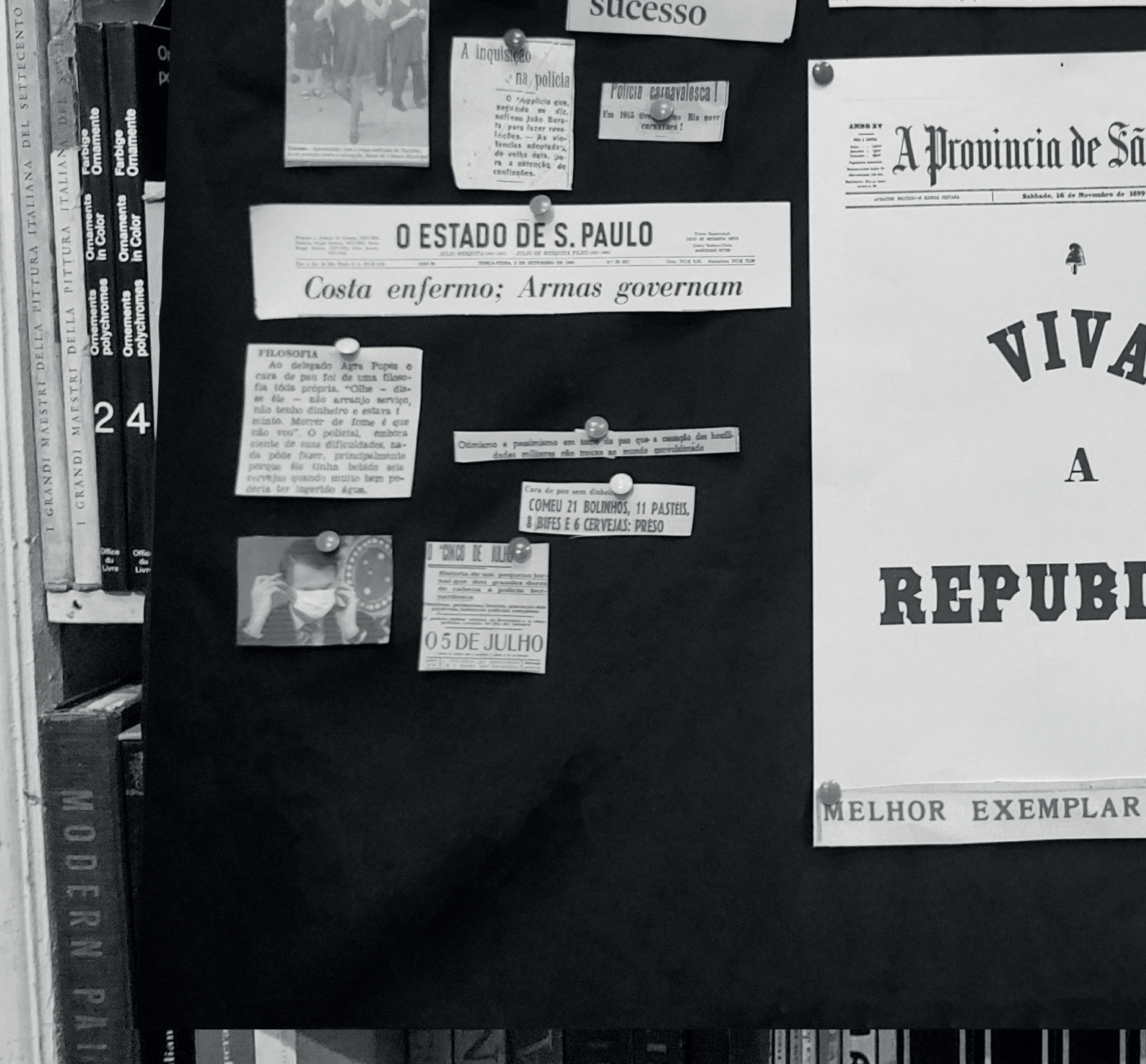
As narrativas históricas publicizadas pelos jornais, nos permitem estudar as suas articulações e inter-relações para assim reconectá-las de múltiplas maneiras. Operar diretamente com as virtualidades de uma memória-mundo dadas pelas narrativas dos jornais, nos propicia desconstruir discursos estratificados que imperam no senso comum; isto é, possibilita pensar a variabilidade do passado e

1 Cronotopias – do grego *khrónos* (tempo) e *tópos* (lugar).

2 Heterotopias – do grego *héteros* (diferente) e *tópos* (lugar).

do presente em relação a um devir outro. Problematizar o tempo não teria outro sentido que pôr em questão a natureza do que passou, do que é e do vir a ser.

Nesse sentido, a investigação que precedeu a coleção *Brasil Saturno* responde à necessidade de renunciar aos ofuscantes discursos da verdade, seja ela científica ou de outra natureza, que se propaga pelos meios de comunicação desejantes do controle da vida. Nesse processo, mais do que a distinção entre o falso e o verdadeiro, importa encontrar, nas narrativas investigadas, aberturas, frestas para que se possa entrever a luz branda dos possíveis e neles recriar estratégias vitais.



TV da direita radical faz sucesso

O maior campeão do mundo



A Inquisição na pollola

Polícia carnavalesca

O ESTADO DE S. PAULO Costa enfermo; Armas governam

A Provincia de São... VIVA A REPUBLICA MELHOR EXEMPLAR

FILOSOFIA Ao Gelgado Agre Popes o cara de pau foi de uma filosofia toda própria.

Otimismo e pessimismo em tempo de paz que a cangaço das hostilidades militares não trouxe ao mundo civilizado

COMEU 21 BOLINHOS, 11 PASTELS, 8 BIFES E 6 CERVEJAS: PRÉSO



05 DE JULHO

ATLANTISSE... I GRANDI MAESTRI DELLA PITTURA ITALIANA DEL SETTECENTO... I GRANDI MAESTRI DELLA PITTURA ITALIANA DEL SETTECENTO... Ornamenti in Color... Ornamenti polychromes... Ornamenti polychromes... 24... OFFICE DU LIVRE... OFFICE DU LIVRE... MODERN PAINTING

ndo


o artilheiro da Copa ■ Cose
monter Felipeo cinco vezes

o Paulo

LICA

ENCONTRADO

Desde que passou a Cruz de Agudez já ganhou 2 vezes na Loteria...



que a Nação não soube ainda

Um ato novo de perseguição, violência e heresia a vista de cidadãos brasileiros

A narrativa do que foi esse quadrênio que lindou

Vem ali
LOUCURAS DE MAIO!

O ESTADO DE S. PAULO

‘Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e com cuidado’

Empossado na Presidência, Lula defende mudanças com diálogo, “para que o resultado seja duradouro”



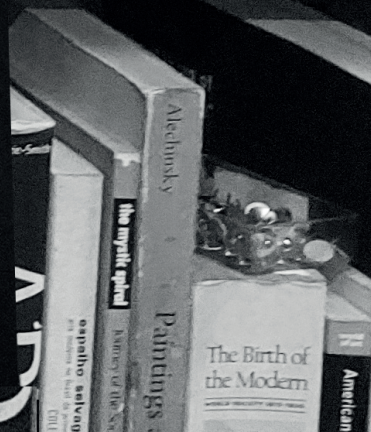
5.077 MORTOS

“E DAÍ?”



ILEGAL

A dança da pizza



Sob cerco político e econômico
Bolsonaro recua e elogia

FALTA A SEGUNDA

parada da inflação

MUTILADO

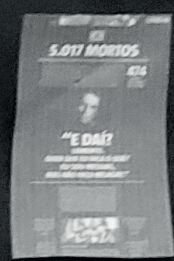
INCLUSÃO & NEGÓCIOS

Pressionado pelo reajuste de combustíveis e alimentos, TP&A de resultado leva instituições financeiras a prever aumento ainda me

00%



Vem ahi
LOUCURAS DE MAIO!



CLOROQUINA AZITROMICINA ZINCO
NÃO QUEREMOS A VACINA, NÓS TEMOS A CLOROQUINA!

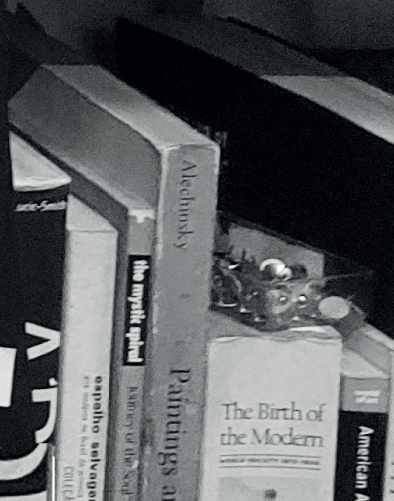


ESGOVERNADO
de um mês, caem dois ministros da Saúde

A epidemia ainda faz grande número de vítimas e os hospitais públicos estão a reboque.

© governo brasileiro queiro reprodutir e estender.

— Il goro em dezembro foram também de fato —





TV da direita radical faz sucesso

A Inquisição na polícia

Polícia carnavalesca

O CINCO DE JULHO

O ESTADO DE S. PAULO
Costa enfermo; Armas governam

FILOSOFIA
Ao delgado Agta Pope e cara de pau foi de uma filosofia ídica própria. "Olhe - disse ele - não arranjo serviço, não tenho dinheiro e estava à minha. Marye de Irma é que não vou" O policial, embora ciente de sua dificuldade, nada pôde fazer, principalmente porque não tinha bebido seis cervejas quando muito bem poderia ter ingerido água.

Otimismo e pessimismo em tempos de paz que a cangaço das localidades militares não tornam ao mundo desarmado.

Não chegam de A no Nove
Um pescador mata com uma faca cada a um seu desafecto

DESGO
Em menos de um mês,





As experiências que estão sendo realizadas pelo Dr. Calmette deixam desde já entrever a eficácia da vacinação contra a peste bubônica.

O que a Nação não sabe ainda.
O estudo de que há estar concluído que todos os...

Vem ahi LOUCURAS DE MAIO!

5.011 MORTOS
"E DAÍ?"

CAZETA DE NOTICIAS
O RIO É UM VASTO HOSPITAL
A busca de infusões bacteriológicas
A análise bacteriológica da corrente
Socorro!



MUTILADO

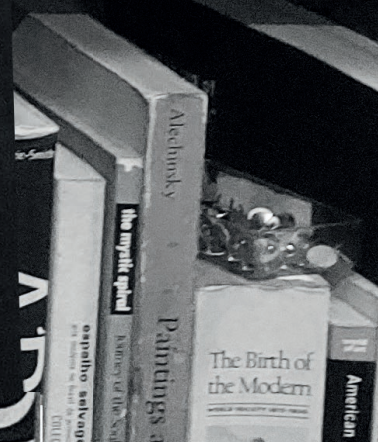


ILEGIVEL.

CAZETA DE NOTICIAS
A GRANDE DESGRAÇA
O "mal de Seid" progride assustadoramente
E a primeira pessoa infectada no estabelecimento da epidemia
O NUMERO DE OBITOS AUGMENTA
Não pode realizar!

A epidemia ainda faz grande número de vítimas e os serviços públicos estão à mercê.
O governo brasileiro quer impedir a...
Com estes resultados não há a...

VERNADO
caem dois ministros da Saúde





nômico,

...t. A fala de
... "11 maio", dis-
... e só vamos
... (n-
... aqui
... m se
... forma
... esta
... ma
... Simon
... indo

... mo
... consegi
... que, a
... solutame
... Trata-se
... des sociais.
... vão, em vide
... mes, conhe
... Marcos An
... S
... e a
... que
... lac
... ante ja
... dem
... a hip
... muito me
... por crim
... frer impe
... diante d
... almoço
... 7/8/2021

COMENTARISTA DA RÁ
DA RADIO JORNAL (PE
GLOBONEWS EM PAUT
... nmadoras.

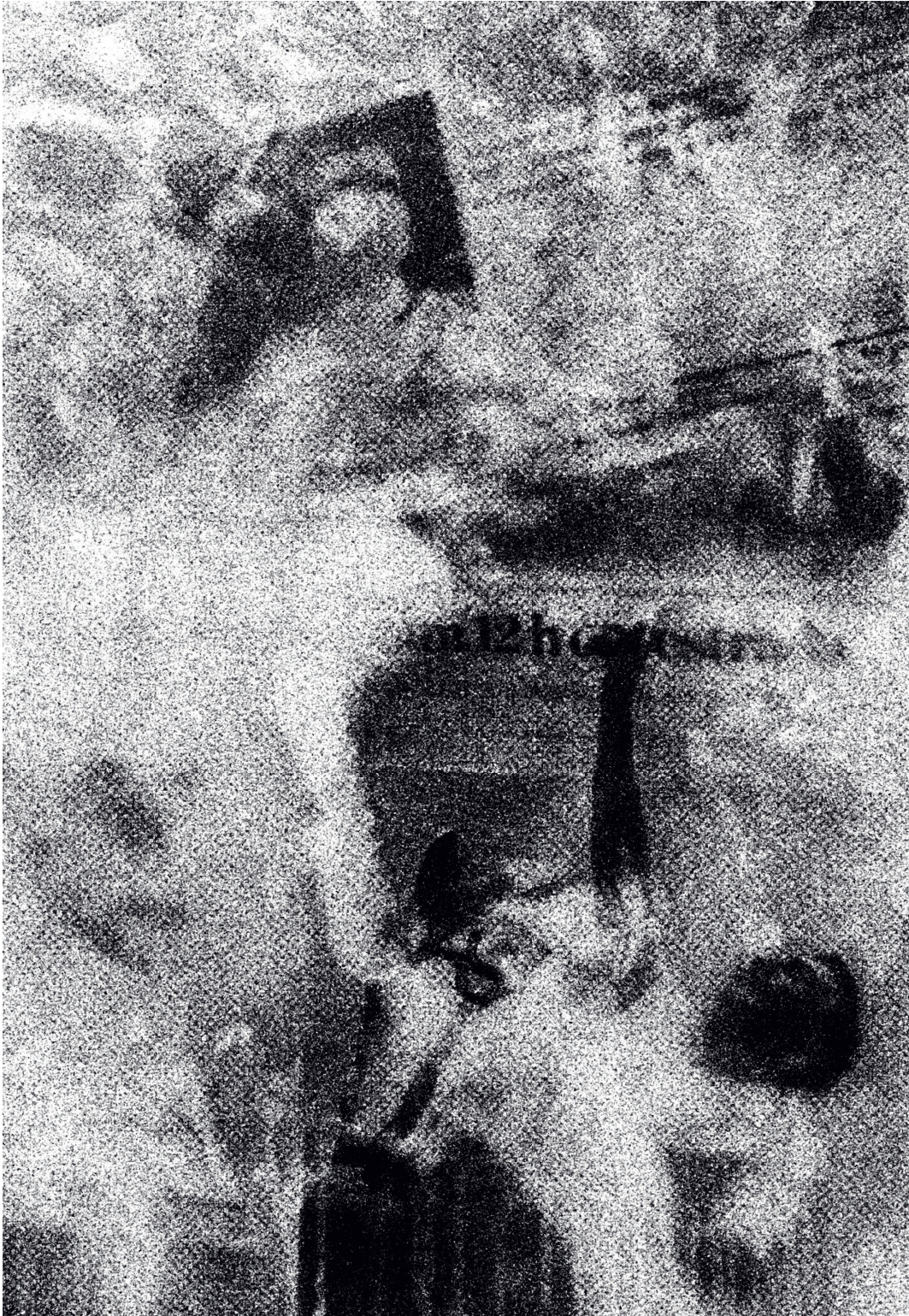
MU

... 1998



TILADO

laborado p...



CARTOGRAFIA DE UM VÓRTICE – INSPIRAÇÃO

As transformações políticas, culturais e sociais que o Brasil experimentou no último século são consequências da forte influência exercida pelos meios de comunicação. Se, por exemplo, nos anos 1970, “as artes politizaram as mídias esteticamente” (BEIGUELMAN, 2021, p.173), através de infiltrações nos jornais feitas por artistas como Cildo Meireles, Antonio Manuel, Paulo Bruscky, Daniel Santiago, entre outros, nas últimas décadas observa-se uma inversão dessas relações – agora, mais explicitamente, “é a política que ganha, via mídia, dimensões estéticas” (BEIGUELMAN, 2021, p. 173). Sabe-se que a política tem, caracteristicamente, uma dimensão estética e que ela está fundada sobre o mundo sensível, assim como a expressão artística; no entanto, elas têm, inequivocadamente, propósitos opostos. A política tem se autoatribuído o mais competente campo – talvez o único – capaz de gerenciar a vida, procurando para isso submeter e depreciar todos os outros. De outra parte, a arte busca pensar a questão *a partir* do nosso presente, de suas múltiplas energias e de sua molecularidade, inventando possibilidades de existência. Assim, enquanto uma visa subjugar e dominar, a outra procura liberar a “vida lá onde ela é prisioneira” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 222).

Atualmente, é notável a alteração nas relações entre a imagem da política e a política. Mais do que meio de transmissão de ideias, a imagem passa a ser o próprio campo das tensões políticas (Cf. BEIGUELMAN, 2021). O embate se dá na própria imagem, como luta explosiva de fotos, vídeos, *fake news*, jargões e muitos memes,² que desembocam nas redes. A imagem, pensada nessa perspectiva, mostra-se como um dos territórios de disputa mais importantes da atualidade. Não à toa, diversos políticos deslocaram a tradicional forma de divulgação de seus posicionamentos para as redes sociais digitais,³ buscando com isso conquistar

2 Segundo o dicionário Priberam, etimologicamente a palavra deriva do inglês *meme*, redução do grego *mimema*, -atos, imitação, cópia. Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da Internet, correspondendo geralmente à reutilização/alteração humorística ou satírica de uma imagem.

3 Podemos destacar como exemplo o famoso caso do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que após ser atacado pela mídia, reverteu a situação legitimando sua conta do Twitter como fonte oficial de informação do governo, “passando a tachar de *fake news* qualquer notícia ou opinião que não lhe agradava. Ele próprio um prolífico usuário do Twitter, onde apresenta a sua visão dos ‘fatos alternativos!’” (GENESINI, 2018, p. 49).

uma supremacia ideológica. Mas, nesse contexto, quais modos de resistência a tal processo de hegemonia política poderiam ser inventados, no âmbito da arte, como no passado o fizeram Cildo Meireles, Antonio Manuel, Paulo Bruscky e Daniel Santiago? Quais formas poéticas poderiam romper ou desestabilizar, nesse caso, o arbítrio dos meios de comunicação de massa? Ou, como interromper o fluxo veloz de reprodutibilidade das *fake news* entre as mídias? Seria, antes, imperativo sustar o encadeamento das múltiplas imagens do sistema de representações vigente e dos seus mecanismos de organização simbólica. Enfim, como quebrar o espelho da hipervisibilidade luminosa que domina o mundo atual para conseguir, na escuridão, ver.

O esquecimento, a descontinuidade, a falha, o intervalo, a lacuna são circunstâncias promotoras de penetração nessa escuridão. Nesse sentido, frequentar o escuro diria respeito a uma operação de neutralização das luzes da atualidade para enxergar suas trevas. Investigar o conceito de *contemporaneidade*, como o concebe Agamben, traz a questão da experiência do presente para esses termos.

(...) o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de 'citá-la' segundo uma necessidade que não provém do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora. (AGAMBEN, 2009, p. 72)

Estamos cegos de tanto ver. A nebulosidade, a falta de clareza e de definição podem assumir qualidades positivas, pois o recuo do atual é necessário para conseguirmos ver a tragédia latente e abafada do nosso tempo, dispersa e oculta em meio à "névoa da guerra". Encontrar o caminho em meio ao nevoeiro causado pelo excesso de informações é o desafio aqui.

*

No conto *Uma descida no Maelstrom* (1841), de Edgar Allan Poe, o narrador descreve como ele e seus dois irmãos costumavam pescar em alto-mar, nas águas turbulentas do Maelstrom. Um dia, eles são surpreendidos por um redemoinho gigante que absorve tudo que passa em volta dele, como um cinturão de espuma luminosa em que nenhuma partícula conseguiria deslizar para fora da boca desse espantoso funil. Os três acabam sendo sugados para dentro do vórtice. Enquanto seus irmãos são levados pela correnteza e morrem, o narrador consegue observar em meio ao turbilhão que alguns objetos eram absorvidos rapidamente, enquanto outros iam de forma mais lenta, e assim ele se amarra a um barril e consegue escapar daquela situação.

O conto de Poe narra o fenômeno dos vórtices oceânicos – que é matematicamente igual ao dos buracos negros do universo, aos quais nada escapa, nem a luz – e é frequentemente citado por Marshall McLuhan, comparando-o aos “enormes vórtices de energia criados por nossa mídia” no século XX (MCLUHAN apud WISNIK, 2018, p. 269). Assim, por esse prisma, a mídia e a imensa nuvem de informações de que dispomos hoje seriam como “uma torrente avassaladora, dotada de grande poder destruidor. Contudo, McLuhan observa que o reconhecimento dos padrões no meio de uma enorme e esmagadora força destrutiva é a saída do turbilhão” (MCLUHAN apud WISNIK, 2018, p. 271).

Um poeta, tradutor e jornalista francês que soube responder às trevas do seu tempo, por observar os padrões desse enorme vórtice de energia informacional para assim buscar estratégias de sobrevivência, foi Armand Robin. Na década de 1940, antes mesmo da Guerra Fria e daquilo que posteriormente ficou conhecido como globalização, Robin dedicava-se a ouvir, em mais de quarenta idiomas, rádios internacionais e a elaborar, a partir de uma escuta poética das emissões, boletins de análise da situação mundial. Stella Senra, pesquisadora da obra de Armand Robin e tradutora do livro deste intitulado *A palavra falsa* (2022), mostra como o poeta, ao se valer de noções como ‘simultaneidade’ e ‘planos superpostos’, se aproxima das mídias de comunicação do século XXI. Assim como acontece “no universo digital, a busca de Robin pela informação implicava num certo tipo de

'filtragem' de dados, seguida por uma análise, etapas que podem ser aproximadas do 'processamento' da informação digital" (STELLA, 2022, p. 20). O trabalho de Robin, para além da escuta e obtenção de informações inéditas, também podia intuir os acontecimentos através do entendimento e interpretação poética das informações recolhidas. O próprio autor define as suas "previsões" como fruto de uma minuciosa análise quase "mediúnica" do sistema de propaganda.

"Tendo a significação das propagandas se tornado legível, revelando-se de certo modo quase pueril, até sem ser nenhum profeta é possível 'antecipar o futuro', pois este se encontra incluído no desejo ou na vontade de dominação, de cujas afirmações difundidas são tantos os signos" (ROBIN *apud* SENRA, 2022, p. 45)

Apesar de Robin estar situado no início do século XX, os procedimentos acionados por ele se aproximam da maneira como a informação é processada nos dias de hoje. Para Senra (2022), a atualidade do pensamento do Robin está não apenas na compreensão que este possuía das notícias jornalísticas, mas também no entendimento da amplitude de ação dos meios de comunicação e reconhecimento de sua força política, que é "da mesma ordem da que hoje é exercida pelas grandes corporações digitais como Google, Youtube, Facebook" (SENRA, 2022, p. 17).

Dar um passo atrás para, então, compreender em meio ao vórtice de eventos cotidianos os significantes passíveis da composição de novas tramas, é um movimento que possibilita potenciais infinitos de criação e recriação ou metamorfose de enredos, como grãos de poeira depositados diariamente, reconfigurando o passado e o futuro.



CARTOGRAFIA DA PALAVRA VAZIA

Armand Robin já escrevia sobre o esvaziamento de sentido de certos termos ou frases, causado pela repetição frequente com que são empregados pelos meios comunicação. Ele chamou esse processo de “nadificação da palavra”: uma palavra é tão usada que se gasta até tornar-se imprestável. “Se a palavra ‘liberdade’ não significa mais nada, poderá dizer o ditador de serviço, somos todos livres; por consequência, todos podem ser presos por qualquer razão” (ROBIN *apud* SENRA, 2022, p. 64). Para Robin, a partir do momento em que o sentido da palavra é corroído e rebaixado a nada, desaparece a necessidade de que ela corresponda à realidade e, assim, interpõe-se um processo de homogeneização das mensagens e a propaganda torna-se a mais exata expressão das realidades, “não para dar conta da situação mundial, mas para ‘agir’ sobre ela.” (SENRA, 2022, p. 57)

A noção do poder da redução do verbo à inutilidade é a alma da propaganda, que não é exclusividade da URSS da década de 1940. O uso desse recurso é comum na política nacional brasileira desde os tempos do Império, por exemplo, no que diz respeito à construção do que seria uma “brasildade” e do que é ser “brasileiro”. Ao longo do período imperial, o foco da propaganda se encontrava no destaque da natureza exuberante do país e nos feitos heroicos que eram hiperbolicamente ilustrados nas pinturas “históricas” de artistas como Victor Meirelles e Pedro Américo, apenas para citar alguns dos nomes que ajudaram na construção dessas narrativas de exaltação à pátria.

No final do século XIX e início do XX, durante a República Velha, a publicidade oficial, além de frequentemente enaltecer de modo enfático as características naturais do Brasil, mostrou cenas de progresso da técnica, como a implementação de estradas de ferro, processos de urbanização e o triunfo dos militares, utilizando-se de fotografias especialmente produzidas. Um exemplo disso foi o destaque empregado na divulgação do fim de Antônio Conselheiro, com a publicação do retrato do líder do movimento de Canudos, já morto. Por meio da difusão da imagem do corpo abatido de Conselheiro, buscavam dar um “exemplo da mentalidade positivista da ‘ordem e progresso’” (KOSSOY, 2016, p. 106). A mensagem preconizava a luta do “bem” (a República) contra o “mal” (os

monarquistas) e a vitória do primeiro – a ordem havia finalmente sido restaurada. Para Sérgio Buarque de Holanda (*apud* FICO, 1994, p. 21) “a ardente exaltação do passado, a fabricação de mitos e tradições veneráveis constituiu sempre um expediente compensatório favorito para aqueles que não se podem gabar de longas tradições”. Com a ditadura militar, a partir de 1964, iniciou-se mais uma ressignificação da tendência de propaganda sobre “brasilidade” e “o que é ser brasileiro”. Essas ideias estavam associadas à ruína, “segundo os militares, ante a situação de completa decadência moral e material que o país experimentara, caberia precisamente a eles inaugurar um novo tempo, reconstruindo, em bases transformadas, o Brasil” (FICO, 1997, p. 121). Convém ressaltar que no tempo relativo ao escopo dessa pesquisa, de 1964 a 1975, o Brasil passava pelo “milagre econômico”, ocorrido entre 1969-1973, quando, no mesmo período, em 1970, conquistava a Copa do Mundo de futebol. Esses fatores levaram o povo a um grande “otimismo” e, posteriormente, a um ufanismo que foi utilizado como confirmação da crença no destino grandioso do país (FICO, 1997).

As propagandas políticas “despolitizadas”, realizadas pela ditadura da época, tiveram grande influência no “otimismo” das classes média e da elite em relação a um porvir quase mítico, referente à crença de que os problemas da nação iriam se resolver de maneira mágica. A promessa dos militares de um “novo tempo” era reforçada frequentemente por meio da lembrança de como os “velhos tempos” arruinaram o Brasil e de como, então, o país voltava ao rumo certo. O governo ditador usava em suas propagandas temas de grande apelo popular, como aqueles invocados nas épocas de confraternização, no Natal e na Páscoa, por exemplo, datas marcantes associadas aos sentimentos do ‘amor’, da ‘união’, da ‘solidariedade’ e, paralelamente, aludia aos “novos tempos” de prosperidade no país. O objetivo da ditadura, ao fazer uso de propagandas que pareciam inofensivas e “despolitizadas”, dissimulava suas intenções – governar um povo sem nenhuma, ou com pouca, ‘vontade coletiva’. Essa “vontade coletiva”, era centralmente articulada com a noção de “caráter nacional”, ou seja, frequentemente procurava selecionar e fortalecer os valores nacionais que eles achavam necessários. Para os ideólogos do regime, esse caráter serviria como a base moral da organização militar e, por esse

motivo, sua manutenção era uma constante preocupação dos chefes militares – precisavam situar a população nesse *status quo*. Portanto, não importava, assim, que a “vontade coletiva estivesse sendo mobilizada em torno de coisa nenhuma; desde que isso ocorresse numa atmosfera de exaltação de presumidos valores brasileiros” (FICO, 1997, p. 130-131).

Nos primeiros anos de repressão militar, enquanto os meios de comunicação e campos de expressão artística, como a música e o teatro, sofriam controle de forma direta, a censura às artes visuais não chegou visivelmente a ser praticada. Um dos principais fatores que contribuíram para a liberdade relativa nas artes plásticas foi o entendimento do governo de que artistas visuais eram inconsequentes, irrelevantes e possuíam pouca influência na sociedade. Foi somente após o AI-5, no ano de 1968, que as artes plásticas começaram a sofrer censura: exposições foram fechadas, obras de arte proibidas e a perseguição a artistas, críticos e professores tiveram início. O governo militar designou à televisão o papel de expandir o desejo de consumo e vender o ideal de país em expansão, centralizando a produção de mercadorias culturais. Para Rafael Villas Bôas,

(...) a ideia de cultura e arte como mercadoria, como espetáculo para a diversão, é a fatura que herdamos do golpe militar. (...) naturaliza-se a ideia de que o campo da estética deve ser desvinculado da vida política efetiva, pois disso depende sua qualidade. E toda tentativa de direcionar a produção artística e cultural para o rumo do engajamento, da intervenção na realidade, é interpretada como manobra autoritária, maniqueísta que atropela a dimensão subjetiva da criação artística ao submetê-la a demandas da ordem política. (BÔAS; STÉDILE, 2015, p. 40).

Artistas e coletivos artísticos souberam usar essas propagandas em massa idealizadas pelos militares como fonte de inspiração e matéria para a produção de uma arte crítica e de forte teor político. Transformaram a informação em contrainformação como ato de resistência.

Nesse momento, a arte brasileira demonstrava um forte retorno à figuração. Um fator interessante apresentado por Bôas (2015) é que, simultaneamente à movimentação artística de resistência no período, os militares, de seu lado,

realizavam “apropriação indiscriminada de técnicas artísticas sofisticadas, muitas das quais geradas em oposição ao capital” (BÔAS; STÉDILE, 2015, p. 40). Assim, a arte e a propaganda funcionavam como uma via de mão dupla.

Os desdobramentos de uma arte crítica à sociedade do espetáculo brasileira, a partir dos anos 1960, traziam como pauta frequente o discurso de uma “cultura nacional”, fruto de um constante temor da descaracterização do país pelo projeto de modernização. Podemos encontrar a busca do que seria o “brasileiro” em diversos momentos da história da arte nacional, como nas obras dos “caipiras” de Almeida Jr. (1850-1899), ou na produção modernista de pintores como Di Cavalcanti (1897-1976) e Portinari (1903-1962), em que o brasileiro se apresenta como “um ‘tipo’, um símbolo triunfante da nação e da nacionalidade” (CHIARELLI, 2010, p. 27). No final dos anos 1960, o conceito do que seria essa “brasilidade” apresenta como diferencial o engajamento sociopolítico, questionador da natureza da arte e do objeto artístico, e os aspectos políticos apareciam comprometidos com a inserção de novas mídias. A pauta da identidade nacional passa por constantes mutações quanto à sua natureza, “se desintegrando ou se fortalecendo, seja por meio da pressão de grupos minoritários, seja por meio das novas identidades que vão surgindo” (MAYA, 2018, p. 111).

Sabe-se que as feridas deixadas pela ditadura permanecem abertas, apesar do crescimento de pesquisas relacionadas ao assunto nos últimos anos, ainda há muito a ser desvelado. A utilização das propagandas políticas “despolitizadas” – que possuíam o intento de manter o *status quo* da sociedade, através da mítica perspectiva de um “porvir” no país – serviu, no final dos anos 60 e início dos anos 70, como fonte inspiradora para a produção de uma nova arte crítica e politizada. Em um país como o Brasil, onde, de forma generalizada, há uma naturalização e indiferença pela perda de arquivos de memória e o esquecimento é uma política pública que se solidifica através do descaso, tanto por parte de certa parcela da população quanto de seus representantes governamentais, revisitar o passado significa buscar compreender o presente para abrir possibilidades de produzir criações como atos de resistências que possam abalar o “bom senso” engessado e o “senso comum” estereotipado.

o amor à
vultos,
nossas
as pal-
ta espe-
zel, im-
ontem,
oscan-

Nisso vai também a honra do povo brasileiro que o victoria e o aclama.

INSTRUÇÃO POPULAR

I

So ha qssumpto que deva merecer
eresse de um governo. e
a educação do pov
tidadosa que e h
a natureza, o e

das creações de Deus.

Sem isto desaparece a felicidade hu-
mana e a grandeza das nações não pas-
sa de uma ridícula utopia.

Não ha povo grande e rico, que se
ponha ao respeito e a admiração do
tros paizes, que tenha conquistado a
posição, a não ser por um nobre esfor-
velo seu trabalho, obediente nos dese-
uma intelligencia bem dirigida.

Esso governo se compoem
dando ao na

CARTOGRAFIA DO APAGAMENTO

"A história não se revela como processo de uma vida eterna, mas antes como o progredir de um inevitável declínio. Com isso, a alegoria coloca-se declaradamente para lá de beleza; As alegorias são no reino dos pensamentos, o que as ruínas são no reino das coisas." (BENJAMIN, 2011, p. 189)

Ao longo da história da Retórica (a arte da eloquência) a alegoria, como característica expressiva da linguagem, manifestou-se de múltiplas e diversas maneiras. Walter Benjamin, em seu estudo sobre a *Origem do drama trágico alemão*, compreende a alegoria como uma contraposição ao símbolo, que na linguagem apresenta um sentido único, convencional e imutável do signo. Já a alegoria se mostra aberta à multiplicidade, à variação e à incompletude do sentido. Ela toma o tempo histórico e as marcas do tempo presentes na ruína como multiplicidade atual, portanto ela não é totalizante e nem predeterminada. Para Benjamin, a ruína seria a mais nobre matéria da criação barroca, visto que as suas obras costumam acumular fragmentos do passado sem os sentidos que lhe deram origem. Para Magri (2019), a alegoria pós-ditatorial da América Latina é acompanhada de uma constante sensação de fracasso, porque nela a história dos acontecimentos sucessivos, além de não ter sido objetivamente narrada, esconde o *outro* da "alegoria factual" (benjaminiana), tornando-a oculta. "Os fragmentos do passado emergem no presente e instauram a necessidade urgente de construir uma ponte, um vínculo com esse período da história que permanece obscuro" (MAGRI, 2019, p. 175). A experiência que permanece velada e incompreensível pede que seja narrada, mesmo que pelas bordas e pelas rasuras do que não foi compreendido.

Paul Ricœur (1994) afirma que narrar é o esforço humano de se relacionar com o tempo:

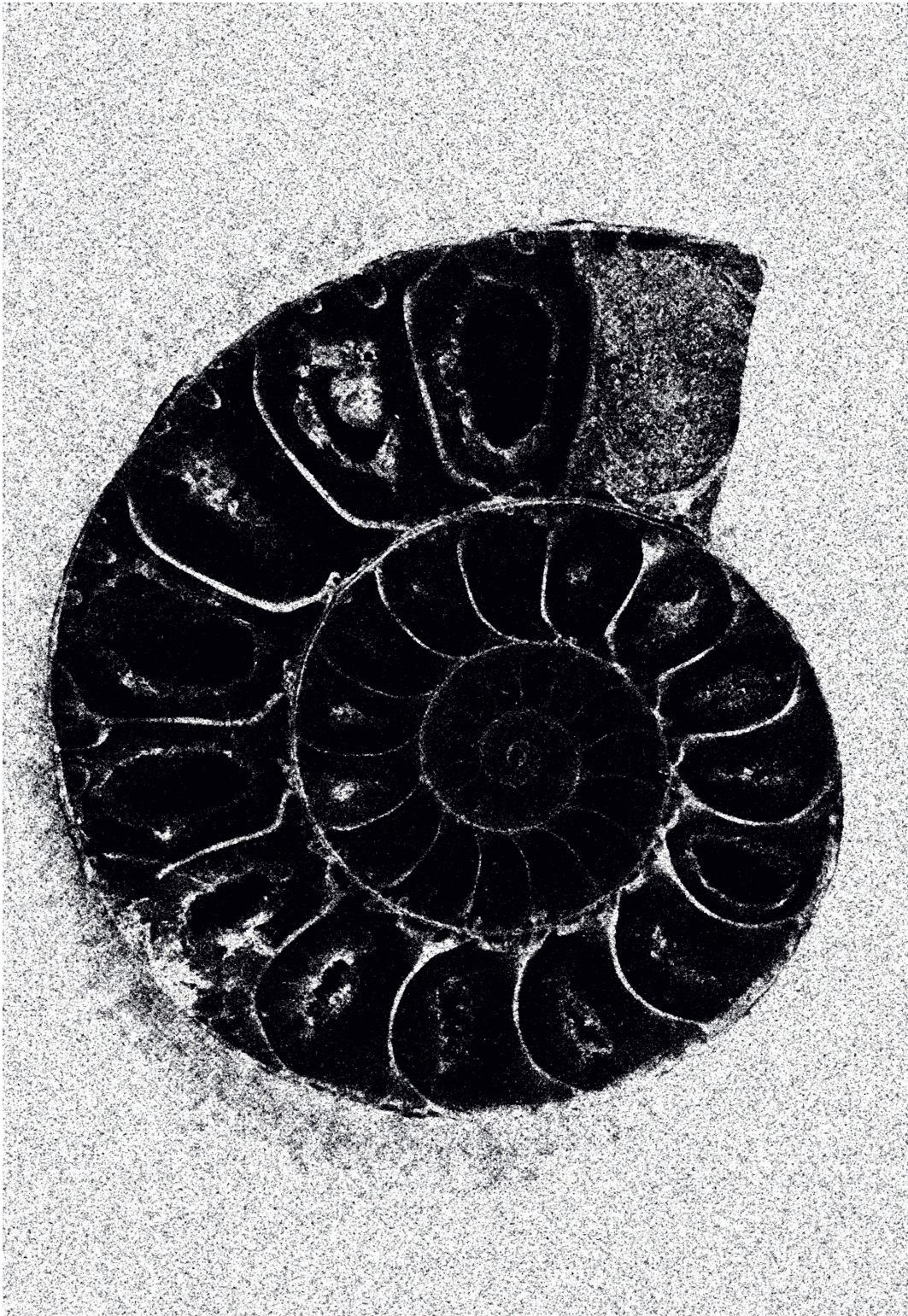
(...) existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: que o tempo torna-se humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. (RICŒUR, 1994, p. 86)

Se, por exemplo, pegarmos reportagens jornalísticas e retornarmos ao passado através do seu *presente* poderemos observar o quanto os discursos e seus

sentidos sobre um determinado tema mudam de uma notícia para outra em edições diferentes de um mesmo jornal. Percebemos o multiperspectivismo das narrativas editoriais pelas variações interpretativas que cada uma delas proporciona. Se juntássemos todas essas narrativas divergentes, teríamos como memória uma paisagem coletiva da existência que é intempestiva, heterogênea e paradoxal, ou um conjunto contraditório de eventos impossíveis. Para Machado (2007), não é a narrativa histórica que se altera, mas a sua construção que varia de acordo com o grupo, gênero ou classe social que a tece e que a faz “sempre mutável, pois responde às diferentes perguntas que os diferentes grupos sociais fazem a respeito do seu passado” (MACHADO, 2007, p. 57). E mesmo quando o discurso apresenta um caráter autoritário, é possível encontrar novas perspectivas dentro dessas narrativas, pois elas

(...) não conseguem alcançar o total apagamento de vozes dissonantes, rebeldes, não integradas. Acredito que mesmo nesses discursos podemos achar outras vozes, que habitam esses textos, talvez enquanto fantasmas. [Homi] Bhabha fala de vozes fantasmagóricas, que são os silêncios, os lapsos. Seriam estes os não-ditos, como fala a professora Maria Odila Leite da Silva Dias no artigo “Hermenêutica do cotidiano na história contemporânea”. (MACHADO, 2007, p. 60)

Portanto, trabalhar sobre narrativas históricas publicizadas pelos jornais, estudando suas articulações, interrelações e reconectando-as de outras formas, significa, assim, operar diretamente a partir das virtualidades de uma memória-mundo para a desconstrução de discursos estratificados que imperam no senso comum. Isto é, pensar a variabilidade do passado e do presente, seus processos de virtualização, visando a uma expansão da capacidade de transformação, de colocar-se à altura do devir. Problematizar o tempo não teria outro sentido que pôr em questão a natureza do que foi, do que é e do que virá a ser.



CARTOGRAFIA DO PRESENTE MESSIÂNICO

Os acontecimentos cotidianos publicizados pela mídia, independentemente de seu formato, não raro se repetem; mesmo aqueles de temas distantes e distintos entre si, que pareciam superados e esquecidos, retornam, não como farsa, mas como nova informação. Em 1972, Wesley Duke Lee, realizou a série *Da formação de um povo IV*; dentre as obras que compõem a coleção, uma pequena colagem de aparência deteriorada contém uma imagem da bandeira do Brasil e a frase: *Hoje é sempre ontem*, estabelecendo correlação com a perpetuação do hoje na esperança de um *porvir mítico* que corresponde a construção da narrativa *Brasil, país do futuro* – uma nação que vive presa a um presente contínuo à espera do futuro.



Hoje é sempre ontem, 1972
Wesley Duke Lee
Colagem, c.i.d.
31 cm x 24 cm
Coleção Gilberto Chateaubriand – MAM-RJ

O discurso do *presente contínuo* em busca de um futuro determinante da singularidade do *que é ser brasileiro*, ganhou novas dimensões no final do século XX e início do século XXI, com a consolidação mundial do neoliberalismo. Note-se que aqui há uma diferença de sentido diametralmente oposta ao *presente messiânico* de Benjamin. Enquanto este busca interromper os crescentes modos de rebaixamento da vida e extrair desse contexto a variabilidade das perspectivas, dos modos de existência e de resistência, o *presente contínuo* tenta um estrangulamento biopolítico para desativar nossa imaginação política, teórica, afetiva, corporal, territorial, existencial. O *presente contínuo* é um mecanismo

(...) preciso de controle da existência (...) negação da vida operada como 'produção' de vida, negação da saúde brandida como 'produção' de saúde, (...) como se a mudança da lógica repressiva para a produtiva incrustada no exercício do poder (...) tivesse se escancarado. (PELBART, 2013, p. 13)

O benjaminiano *presente messiânico* expressa um campo de forças complexo, múltiplo, atravessado por embates concretos em várias escalas, com todas as reversibilidades aí envolvidas, um sistema descontínuo, heterogêneo, aberto a processos de virtualização que inventam o futuro em novos agenciamentos. De modo oposto, o presente contínuo do neoliberalismo, reino autocrata da mercadoria, não apenas nos impulsiona ao eterno *porvir*, como também apaga todo o passado criando métodos de controle às possibilidades de futuro. Para o sistema neoliberalista não existe futuro que não seja o presente da dominação, da determinação de origem superior, da autoridade, do mandado, da prescrição.

Recusar o reinado do “hoje” neoliberal, que busca convencer a todos e todas de que não existe “nem antes nem depois”, pressupõe uma consciência histórica e uma memória do passado, indispensáveis para se vencer a falácia de sua eternidade e reabrir a perspectiva de um futuro que não seja repetição do presente. (BASCHET, 2021, p. 344-345)

Inquieta a predominância de um tom que impossibilita ver aquilo que se reinventa e perceber que o mundo pode estar tão escravizado quanto o sonharam, o projetaram, o programaram e desejam impor. Ver tão somente a escuridão das *luzes anunciadas* seria acreditar na máquina de nos fazer crer... e, portanto, não divisar o entre, o intermitente, o irregular, o desigual, o errante, o *insituado*, o fugaz, o variante, o indeterminado, o vacilante, o que sobrevive no interstício ou o próprio interstício... Diante do nevoeiro dos paradoxos temporais, como construir pontes? Como rachar a ilusão de um mundo preso ao presente contínuo e fazer brotar um antes *outro* e uma promessa de um depois divergente?

Em Lewis Carroll, Alice viaja para o outro lado do espelho e descobre surpresa que “para alcançar a Rainha Vermelha devemos caminhar para trás, nós devemos voltar para o passado para podermos avançar e ser melhores. No passado podemos encontrar caminhos para o futuro” (DC *apud* BASCHET, 2022,

p. 342). Assim, ao olhar para trás, podemos nos encontrar com o que não foi mas poderia ter sido, descobrir armadilhas históricas que nos fizeram vítimas e nos desviarmos de emboscadas pósteras – colocar um pé no passado e outro no devir para então habitarmos o presente.

Conhecer o que nos antecedeu nos alerta para a repetição do mesmo. Convocar a história na ação política leva a estabelecer paralelismos entre os agenciamentos do passado e as situações presentes.

Os participantes da revolução mexicana zapatista, por exemplo, recorrem à história para dar dignidade às lutas do presente dizendo:

“Como em 1919, nós, os zapatistas, devemos pagar com sangue o preço de nosso grito de Terra e Liberdade! Como em 1919, o governo supremo nos mata para acabar com a nossa rebeldia.” (Apud BASCHET, 2022, p. 326).

No entanto, eles não tratam o passado como um presente contínuo – um tipo de visão em que o hoje e o ontem se correspondem, como os reflexos do real em um espelho. A superposição do passado e do presente, nesse caso, não significa que os acontecimentos de ontem são os mesmos de hoje; contudo essa superposição expressa o fato de que aqueles problemas que deram razão ao movimento zapatista ainda permanecem, não foram solucionados desde 1919, logo não são repetições do mesmo: assim “os zapatistas de hoje são os mesmos de ontem” (BASCHET, 2022, p. 326), porque eles são os mesmos sem se repetirem. A luta zapatista acontece não como repetição do passado, mas como uma tentativa de resolução deste. Para Baschet (2022 p. 325-333), esse paralelismo entre passado e presente confere à luta zapatista de hoje a mesma dignidade dos feitos históricos de 1919, apesar de essa conclusão correr o risco de passar uma percepção cíclica ou imóvel dos acontecimentos. Se, por um lado, é inegável a histórica opressão sofrida pelos indígenas – assim como é notória a desigualdade no respectivo tratamento social dado a eles, fatos que conferem legitimidade às suas lutas no presente –, por outro, a concepção de tempo que caracteriza as sociedades tradicionais não pode aqui ser qualificada como cíclica ou imóvel. Ao

contrário, ela está mais para uma virtualidade que não se atualizou no passado e torna a vir, do que para um passado que se repete.

A concepção descrita por Baschet e que dominava o mundo mesoamericano antigo antes da *Conquista espanhola* era: “O que se fazia há muito tempo e já não se faz, outra vez se fará, outra vez assim será” (FLORESCANO *apud* BASCHET, 2022 p. 327). Isso sugere que para entender a noção de tempo zapatista seria necessário conceber a história como um encadeamento não linear dos acontecimentos, mas como um *caracol*, cuja espiral dos feitos históricos nunca volta a passar pelo mesmo ponto, mas aproxima os feitos do passado aos do presente. “Nessa percepção não linear do tempo, os feitos muito remotos, presentes ou até mesmo ainda por vir, podem sobrepor-se e até se confundir” (BASCHET, 2022 p. 328). Para os zapatistas, ocorre uma fusão entre tempo histórico e tempo mítico,⁴ no qual o *mesmo* retorna como *diferença*.

Olhar para o passado buscando, não repetições, mas pontos comuns no desenrolar da história, poderia ajudar na neutralização do “brilho fetichizante” dos holofotes da atualidade, esse que nos torna insaciáveis de modernidade e ávidos de consumo. Uma operação poética, que tentasse criar experiências para fazer enxergar nas trevas iluminadoras do presente um passado virtual, faria ressoar simultaneamente o *contemporâneo* de Agamben e o *presente messiânico* de Benjamin para inflectir novas possibilidades de ser e de existir.

4 Baschet (2022) traz em seu livro uma interessante observação feita pelo subcomandante Marcos de que os indígenas “fazem uma manipulação do tempo muito curiosa, não se sabe de que época estão te falando, podem estar conversando contigo sobre uma história que ao mesmo tempo pode ter acontecido faz uma semana, faz quinhentos anos ou quando o mundo começou” (BRISAC; CASTILLO *apud* BASCHET, 2022 p. 328).

MEU AMOR

Melhor cigarro até hoje fabricado

Vem ahi LOUCURAS DE MAIO!

O PATO DONALD

Vai estar sexta-feira em novas aventuras no CINEAC TRIANON — Procurando "diversão barata", na Feira de Amostras, quase é agredido pelos aparelhos automáticos

92 ANOS DE IDADE E EM PERFEITA SAUDE !
SOBE ESCADAS DEPRESSA



lsl
LOÇÃO PHENOMENO



EU ERA ASSIM
Tossi tanto que

CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM

Mas graças ao milagroso **ALCATRÃO E JATAHY PRADO** CONSEGUI FICAR ASSIM



À distancia **IDEAL** para os olhos normaes

KCT
EM **ACÇÃO**

Hontem, desahimo fraqueza, cansaco da vida!

Hoje, alegria, disposicao, vontade de viver, graças ao

VIRILASE

O PERU

ORGÃO OFICIAL DOS ESPORTES CARIOCAS

ESPINHAS
Não ha rosto bonito com espinhas!

Poucas applicações de **LYSOFORM** podem converter em realidade o que foi somente uma esperança de

não seja uma vítima da **PRISÃO** de **VENTRE!**

VELHOS
a energia volta tomando ao deitar um calice de **JUVENTOL**.

EM ICARAI'
O criador de "Cidadão Kane" confessa-se admirado com a perfeita refrigeração que lá encontrou

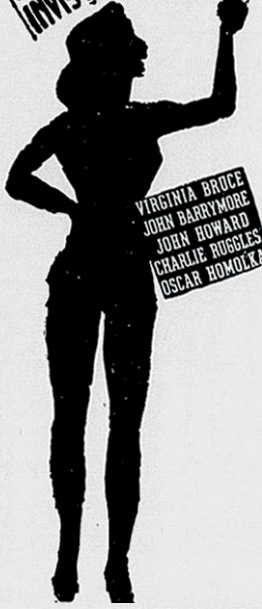
Aposta macabra
Atravessar o cemiterio, á

5 MAMADEIRAS A BO

primeiro, seu conforto nos **JATOS CARAVELLE** da **CRUZEIRO DO SUL**

isto pode acontecer! Muitas familias viajam nos Caravelle com seus filhos. E quando há crianças a bordo, é que sentir bem o conforto, a praticidade e a segurança das camas para com os pequenos passageiros. O leito queridinho o chibrito, a água mineral, as bacias, os sorvetes... Tudo o natural, todos os itens necessários encontram-se a disposição previsto pela Divisão de Conforto de Passageiros. Mas se não estiverem satisfeitos, não se preocupem, pois a companhia de aviação tem a duração do voo, em direção aos pontos de destino, em vôo, e até mesmo em terra, selecionada para o ambiente. Essas e muitas outras fontes de conforto alipio e comodidade unica de duas pilonas no cabine de passageiros, foram os viagens nos Caravelle Cruziero, momentos inesquecíveis de prazer.

A Mulher Invisível
UNIVERSAL PICTURE



VIRGINIA BRUCE
JOHN BARRYMORE
JOHN HOWARD
CHARLIE RUGGLES
OSCAR HOMOLKA

DURANTE A GRIPPE

DEPOIS DA GRIPPE

Magros, fracos, esgotados, nervosos!

Como o IODO NATURAL transforma os esgotados, debéis e pallidos em creaturas vigorosas, cheias de vida, sem o auxilio de drogas!

USEM OS BONDES BAGAGEIROS

**SERVIÇO SEGURO
RAPIDO PONTUAL
FREQUENTE BARATO
NÃO CHOVE DENTRO**

VAE AOS EXTREMOS DA CIDADE E ENTREGA A DOMICILIO

Veja contra a luz

MULHER INVISIVEL
(THE INVISIBLE WOMAN)

VIRGINIA BRUCE
JOHN BARRYMORE

O Sol dá vida à nossa Terra 12 horas por dia

O telefone trabalha incessantemente pelo bem-estar e pelo progresso 24 horas completas, sem desfalecimentos.

Saude UM LAR DE FORÇA

VIGORON

Uma Pastilha Com Cada Comida

AMOR Felicidade

Lampeão ameaçando a Capital Federal

Lampeão, o famoso fascinora

ASTHMA? TOSSE NERVOSA?

SOFFRES PORQUE QUERES, DEPOIS QUE FAÇO USO DOS CIGARROS DE ESTRAMONIO OU BELLADONA

"REQUIÃO"
PASSO ADMIRAVELMENTE

Evite este desperdicio de 25% de suas energias

A MODA



PORQUE DEIXAR QUE A CASCA LEVE SEUS CABELOS

FAVOGENIO EXTINGUE A CASCA MAIS REBELDE EM 48 HORAS

A GARRAFA GRANDE URUGUAIANA '66

Á O PERIGO!

ritações que m tosse, com

KEROL

STILHAS INCHIAES

GRANDE MANUFATURA DE FUMOS URUGUAIA

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó (SC): Argos, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O avesso das coisas*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BASCHET, Jérôme. *A experiência zapatista*. Rebeldia, resistência e autonomia. Trad. Domingos Nunes. São Paulo: n-1 Edições, 2021.

BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu, 2021.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BÔAS, Rafael Villas; STÉDILE, Miguel Enrique. *Agitação e propaganda no MST*. In: BÔAS, Rafael Villas; ESTEVAM, Douglas; COSTA, Iná Camargo. *Agitprop: cultura política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Obras completas vol. 2*. São Paulo: Globo, 1999.

_____. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHIARELLI, Tadeu. *O brasileiro na grade: anotações sobre a questão identitária na arte brasileira*. In: JAREMTCHUK, Dária; RUFINONI, Priscila (org.). *Arte e política*:

Situações. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2010.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta – e outros textos*. (Ed. prep. por David Lapoujade; org. da ed. bras. e rev. téc. Luiz B. L. Orlandi). São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo*. História da arte e anacronismo das imagens. Trad. Vera Casanova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

_____. *La imagen superviviente: historia del arte y tiempo de los fantasmas según Aby Warburg*. Madrid: Abada Editores, 2009.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GALEANO, Subcomandante Insurgente. *Contra a Hidra Capitalista*. Trad. Camila de Moura. São Paulo: n-1 Edições, 2021.

HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuliceno*. Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Trad. de Berilo Vargas. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

MACHADO, Maria Helena Pereira Roledo. A construção narrativa da memória e a construção das narrativas históricas: panorama e perspectivas. In: MIRANDA, Danilo Santos de (org.). *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

MAGRI, Milena Mulatti. *A ficção na pós-ditadura: Caio Fernando de Abreu, Bernardo Carvalho, Milton Hatoum*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

MAYA, Carmen. Território, práticas poéticas e políticas no Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba. In: CHAGAS, Mario de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla (org.). *Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/LIVRO-TERRITORIO-MUSEUS-E-SOCIEDADE_WEB_____vers%C3%A3o-02.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2021.

MEME. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/meme>>. Acesso em: 28 set. 2022

OLIVEIRA, B. Em Imagem – reino do intermédio. Texto apresentado no curso de pós-graduação “Modos Contemporâneos de Produção de Imagens Poéticas”, ministrado no Departamento de Artes Plásticas (CAP), da ECA-USP, no 2º semestre de 2020.

PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo – cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas (SP): Papyrus, 1994.

ROBIN, Armand. *A palavra falsa*. Trad. e introd. Stella Senra. São Paulo: n-1 edições, 2022.

SIMONDON, Gilbert. *A gênese do indivíduo*. in *Cadernos de Subjetividade: O Reencantamento do Concreto* São Paulo: Editora Hucitec, 2003. p. 98 a 112

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IED/Mil Folhas, 2019.

WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro*. São Paulo: Ubu, 2018.

